



AVANTE!

PROLETARIOS
DE TODOS OS
PAISES UNIVOS!

Ano I — Número 5
Preço 50 centavos

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA (S. P. DA I. C.)

6 de Junho de 1931
PORTUGAL

O 1.º de Maio em Lisboa

Milhares de trabalhadores correspondendo ao apelo do Comité Regional do Partido e da Comissão Sindical de Lisboa, tomam parte na nossa manifestação de protesto e travam combate com a força pública. Pela primeira vez apoz a ditadura e sob a nossa direcção, o proletariado vincula o caracter de luta do 1.º de Maio e quebra o ciclo de ferro da proibição das suas manifestações, pelos ladrões agaloados que nos governam.

O 1.º de Maio de 1931, em Lisboa, marca uma página brilhante na luta do proletariado contra a burguesia e sela com o nosso sangue a posição de vanguarda do Partido Comunista nesta luta.

Enquanto que os social-fascistas, ao serviço da ditadura preparavam lautas jantardas nas hortas, onde gastariam o dinheiro de traição, os trinta dinheiros porque venderam o proletariado à burguesia, e os anarco-sindicalistas da C. G. T., que não desenvolviam a mesma acção, agiam ás ordens dos politicos liberais da burguesia, pretendendo subordinar os interesses da classe operária e da sua luta independente aos interesses da camarilha democratico-burguesa, fazendo da C. G. T., ou tentando fazer dela, um instrumento nas mãos dos Sá Cardoso, do vagão fantasma, Antonio Maria, da Silva, dos fusilamentos dos Olivais e quejandos, o nosso partido, á luz da experiência do 25 de Fevereiro preparava com as suas pequenas forças, mas com uma grande dedicação e sacrificio, a jornada do 1.º de Maio, tomando-a como centro da nossa actividade independente de classe e não como instrumento da politica burguesa.

O 25 de Fevereiro tinha-nos demonstrado que a classe operária está desiludida do palavreado anarco-sindicalista que, em luta com todos os politicos, na teoria, outra coisa não faz na realidade do que atacar a classe operária contra a sua politica de classe e coloca-la ao serviço da politica da classe inimiga. Ele demonstrou-nos claramente que os trabalhadores se começam dando inteira conta de como o odio destes derrotistas se concentra sobre o nosso partido, o unico partido revolucionário, de classe, do proletariado, ao mesmo tempo que se desfazem em medidas perante os politicos burgueses de quem se tem feito obedientes lacaios.

Mas uma outra lição nos tinha dado tambem o 25 de Fevereiro: a nossa impotencia para corresponder á formidável mobilização de forças feita, para dissolver violentamente qualquer espécie de manifestação.

Em 25 de Fevereiro toda a tentativa de manifestação em Lisboa foi reprimida com uma salvejaría implacavel.

O proletariado apesar da sua revolta, do seu espirito de luta, da decisão com que correspondeu ao nosso apelo, foi amordaçado e os seus gritos de rebeldia foram sufocados pelas espadas, pelas espingardas e pelas metralhadoras da força pública.

Os operários mais decididos olhavam em sua volta, eram espancados e tinham que fugir porque careciam em absoluto de meios de defesa.

Não nos vivemos de lérias. Não podemos aspirar a bater-nos com a força pública, com a conquista do pão de Krapotkine.

Uma tarefa urgente, immediata, se impunha ao nosso Partido, como destacamento avançado da classe operária: Organisar a

defeza das manifestações operárias, contra o ataque selvagem do fascismo indigena. E essa tarefa foi integralmente cumprida.

A defeza proletária teve o seu batismo de sangue em Maio de 1931. Os operários que se manifestavam não foram impunemente espancados.

O nosso Partido convidou o proletariado a manifestar-se, apesar da proibição do governo. O proletariado correspondeu admiravelmente a esse apelo, encontrando-se no Rocio cerca de 10.000 trabalhadores.

A partir da 15 horas várias manifestações foram tentadas sem successo, pois rapidamente eram dissolvidas pela força pública. A indignação dos trabalhadores aumentava, porém, e cerca das 16.30 rompia decididamente a manifestação, desfraldando bandeiras vermelhas e lançando vivas á União Soviética, ao nosso Partido, etc.

A policia interveio tentando dissolver-la á sabrada, mas os grupos de auto-defeza vigiavam e a policia foi dispersada a tiro. A manifestação engrossava, mas estes miseráveis que chamam á bomba uma arma covarde, não exitam em aplicar todas as armas contra a multidão indefeza. Chegaram camionetes com metralhadoras. Ia realizar-se um massacre.

Entrou a artilharia civil em acção para cobrir a retirada dos manifestantes. O objectivo foi plenamente alcançado.

Os herois agaloados que atacam friamente a multidão indefeza perdem a serenidade quando se encontram perante grupos armados dispostos a vender cara a vida.

Resultaram desta jornada 4 mortos e 30 feridos, entre os quais quatro agentes da policia. As quatro vítimas falecidas eram pacatos cidadãos apanhados pela fúria e desorientação da força pública já depois dos acontecimentos desenvolvidos.

Lamentámos as vítimas imoladas á estúpida brutalidade dos nossos governantes. Lamentámos os proprios agentes da segurança que são explorados como nós e a nosso lado se deviam encontrar nestes momentos de luta, mas em luta quando se trata de defender os trabalhadores não podemos exitar. Todos os que nos atacam consciente ou inconscientemente são adversários de quem temos que nos defender. E a policia atacou-nos no 1.º de Maio, como já impunemente nos tinha atacado no 25 de Fevereiro. Não podemos, não queremos, não estamos dispostos a deixar-nos espancar impunemente na praça pública, sem defeza. Organizamos a defeza dos trabalhadores que protestavam pelo 1.º de Maio contra a situação miseravel em que se encontram e reforça-la-hemos para as grandes lutas que se avizinham.

Empregamos a bomba, como empregamos todas as armas que nos permitam defender-nos dos ataques que a canalha militarista, ao serviço dos graddes financeiros, industriaes e comerciantes contra nós. E' covarde a bomba?



Mais vale tarde de que nunca

Os membros da Liga da Mocidade Socialista revoltam-se contra os seus chefes reformistas

Sim. Quando aplicada num sentido terrorista; quando lançada contra uma multidão indefeza, como é cobarde a espingarda, a metralhadora, empregada no mesmo sentido, como de resto tem sido empregada pela força pública. O nosso Partido, como toda a Internacional Comunista, não é terrorista e opõe-se implacavelmente a toda a degenerescência terrorista da luta social.

No 1.º de Maio, não se praticaram atentados terroristas; defendeu-se a multidão operária, contra os ataques selvagens da força pública.

Devemos empregá-la?

Sim. Sempre que a desproporção de forças, a salvação da força pública e a defesa da massa operária, o exija.

Os trabalhadores verificarão onde estão os seus defensores; se entre os *políticos* (comunistas) que se colocam na sua vanguarda e lutam na rua, pelas suas reivindicações, ou entre os *apolíticos* (anarco-sindicalistas) que se bandeiam com a burguesia; que consideram impossível em nome dos *sagrados princípios* a frente única de luta, do proletariado e ingressam na frente única da burguesia.

Eles virão até nós; engrossarão o nosso Partido, o seu único Partido revolucionário de classe e reforçarão a «Defeza Proletária», mandando ao diabo os apostos do *homem livre na sociedade livre*. . . lá para o ano de 10.000.

VIVA O PARTIDO COMUNISTA!

VIVA A «DEFEZA PROLETÁRIA»!

Subscrição pró «Avante!»

A Comissão de Imprensa absolutamente identificada com a aspiração das massas trabalhadoras, no reconhecimento da necessidade de existência dum órgão operário e sabendo que o *Avante!* — como se constata pelo carinhoso acolhimento que lhe é feito, — satisfaz essa aspiração, resolveu abrir nas colunas do *Avante!*, órgão do Partido Comunista Português, uma subscrição, porque:

Um jornal desta natureza — rigorosamente clandestino — é de difícil manutenção;

Não conta esta Comissão com recursos monetários, senão aqueles que advêm da sua venda;

Pretende fazer sair o *Avante!* com maior regularidade e em períodos menos distanciados.

Espera esta Comissão que todos os camaradas que vêm no nosso órgão, o órgão dos trabalhadores, batendo-se denodadamente pela emancipação do proletariado, respondam com entusiasmo ao apelo que ora lhe fazemos.

Avante, pois, camaradas!

Que todos os trabalhadores, do seu magro bolso, concorram com um pequeno óbulo!

E' preciso mostrar à canalha que nos explora a nossa vitalidade!

E' preciso mostrar-lhes que somos capazes de todos os sacrifícios para levar a cabo, a tarefa que a nós próprios nos impusemos — a transformação radical da sociedade capitalista em sociedade socialista!

E' preciso mostrar-lhes que a mordida militar-clerical não nos tapa a boca que grita a nossa fome e ruga a nossa revolta! O *Avante!* é a voz da miséria e da revolta!

E' preciso que ele exista!

AVANTE PELO AVANTE!



Foram-nos enviados os seguintes donativos:

Lista n.º 1 a cargo de G. de Cambráia . . .	37\$00
» 272 a cargo de Eugénio Rápido . . .	20\$00
Subscrição aberta pela agência n.º 8 . . .	15\$00
5 listas a cargo da agência T.	32\$50
A transportar	105\$10

Sabemos que na «Liga da Mocidade Socialista de Lisboa» uma grande parte dos filiados têm exigido dos organismos directores uma transformação nos métodos de acção política dessa mesma Liga. Sabemos também que esses mesmos organismos directores têm oposto uma tenaz reacção às pretensões da maioria.

Estes factos têm um grande significado.

As organizações socialistas mantêm-se unicamente por determinação dos seus chefes. São eles que sustentam os princípios de colaboração com a burguesia e encaminham as organizações no sentido reaccionário. O corpo dos filiados, enquanto não toma consciência do ludíbrio de que é objecto, não se manifesta e aceita servilmente as ordens vindas de cima.

Succede, porém, que as massas trabalhadoras entram declaradamente na via da revolução comunista e que este movimento se reflecte em todas as organizações políticas do proletariado. Os elementos das organizações socialistas, influenciados pela luta revolucionária, desiludidos com os seus chefes, que, compatibilizados com o capitalismo, não querem resolver a questão social, **porque só é possível resolver a aniquilando a burguesia**, acordam da letargia em que se encontram, adquirem a consciência que lhes falta, e revoltam-se contra os organismos dirigentes, exigindo a substituição dos métodos reformistas pelos métodos revolucionários. Este fenómeno, que, no estrangeiro, se produz principalmente na Alemanha e, agora na Espanha, começa a esboçar-se em Portugal.

Os métodos que os filiados da «Liga da Mocidade Socialista de Lisboa» exigem aos organismos directores são, segundo nos informam, os nossos, os métodos da Internacional Comunista. Métodos revolucionários nascidos da luta de classes, ditados pela resposta violenta do proletariado internacional à ofensiva do capitalismo.

Os filiados da «Liga da Mocidade Socialista de Lisboa» já viram, segundo parece, que uma adesão à internacional dos MacDonald, dos Vanderveldes, dos Paul Boncour, dos Largo Caballero equivale a aderir à contra revolução, à reacção do capitalismo contra o proletariado. Por isso eles se revoltam contra os seus chefes.

Sabiam, no entanto, os filiados da Liga Socialista que os seus dirigentes já mais farão a volta que lhes exigem. A «Internacional Operária» de Amsterdão está enfiada ao capitalismo e não adoptará, mesmo que os seus aderentes assim o queiram, os métodos revolucionários. Presentemente, a Internacional Socialista, só vive para combater a Revolução proletária e a III Internacional.

Que os filiados da L. M. S. reconsiderem nestas razões. E que venham até ao Comunismo.

Um ex-socio da L. M. S. de Lisboa

NOTA: Já depois de este artigo estar composto, fomos informados que a Liga Socialista do Porto, composta por elementos retidamente reformistas, enviou um protesto à L. M. S. de Lisboa, pela forma revolucionária como esta deseja orientar os seus trabalhos.

C. C.

O capitalismo venceu em todo o mundo, mas esta vitória denuncia outra: a do trabalho sobre o capital.

LÉNINE



Notas políticas

Grças à intervenção da marinha inglesa e à «eficaz» acção da esquadra do *carapau*, renderam-se os revoltosos da Ilha da Madeira.

A revolução que estalou na Ilha da Madeira, com o fim de restaurar os poderes *constitucionais*, tinha ramificações no continente. Os indivíduos que nela estavam comprometidos, entre os quais numerosos oficiais do exército, faltavam cobardemente, como entre eles é vulgar, às responsabilidades assumidas nos conjuntos conspiratórios.

A Guiné ao revoltar-se dera o seu apoio moral ao movimento; região facilmente desarmável e sem recursos militares não poderia oferecer uma resistência séria.

Contra a geral expectativa a marinha de guerra não se revoltou contra a ditadura clerical-fascista; pelo contrário, rompeu fôgo sem relutância contra os revoltosos.

O caso parece estranho, pois como é do conhecimento de todos, a marinha tem tomado sempre, uma atitude radical, colocando-se na esquerda dos movimentos revolucionários democrático-burgueses. Para nós não é estranho. A marinha que deu sempre o apoio aos movimentos populares, confraternizando com a massa, chegou a esta conclusão: nada adiantaria derrubar a ditadura militar, para pôr no seu lugar, a ditadura «constitucional» burguesa.

Quer isto dizer, que a marinha não tem uma índole revolucionária e que se deu um fenómeno reverso no sua radicalização?

A marinha é ainda revolucionária e os marinheiros continuam a constituir um todo fortemente radicalizado, como se provou na noite de 3 de Outubro, em que um marinheiro aos ombros de populares transportava a bandeira da foice e do martelo, enquanto outros se encorpavam na manifestação, vivendo a U. R. S. S. a marinha vermelha, o governo operário-camponês, etc.

É preciso, pois, que os organismos de base intensifiquem a propaganda entre a marinha, recrutando no seu seio os elementos mais activos e decididos, levando-os a filiar-se no Partido Comunista Português, o único que luta pela constituição dum governo de soviets de operários, camponeses, soldados e marinheiros.

N

Um acontecimento deveras notável, foi a manifestação ao Carmona, no passado dia 17. A manifestação foi realizada no meio de fortes contingentes militares. A noite realizou-se no Coliseu dos Recreios, uma «palhada» a que assistiram a Liga 28 de Maio, a União Nacional, a Polícia de Informações, a Junta Central do Integralismo Lusitano e todos os seus «numerosos» aderentes, pílidos éfebros integralistoides das academias de Lisboa, Porto e Coimbra e bastantes «patriotas» que da província vieram à «bória» nos comboios especialmente organizados para esse efeito.

Todos os ministros botaram discurso, numa fraseologia chauvinista, empolada. Históricamente o «sempre-fixe» Salazar, demonstrou que estava por ali, para defender os sagrados interesses da burguesia nacional.

Fez-se muita algazarra, não se deu sequer um «viva à República» e no final houve quem pedisse dois padres-nossos e duas avé-marias por alma do tenente Moraes Sarmento, morto em Luanda pelos políticos-burgueses.

Nesse dia e no dia seguinte desenvolveu-se uma certa actividade terrorista, sobretudo algumas bombas na Baixa. Ficaram feridos 4 esbirros da Polícia de Informações.

O Partido Comunista discorda da acção dos militantes operários que actuaram isoladamente, constituindo uma «élite» terrorista, agindo à moda anarquista.

O papel das brigadas de choque e grupos de auto-defeza, é pôr-se na vanguarda das manifestações de massas, defendendo-as

das ferozes arremetidas da força pública, e colaborando com a massa quando ela toma uma direcção nitidamente ofensiva.

Esta é a linha de acção bolchevique. O que estiver fora desta directriz representa uma perigosa degenerescência, um grave desvio de «esquerda».

Z

O jornal a *República* foi assaltado pela Polícia de Informações. O governo fez constar por meio de nota oficiosa que não sabia quem tinham sido os assaltantes. É claro que vai proceder energicamente contra eles, conforme consta da mesma nota. . . Na altura em que os manifestantes se dirigiam para o Grémio Lusitano na intenção de fazer o mesmo, surgiu a Guarda Republicana, impedindo que fosse maltratado o «olho da Providência».

Dias depois este era encerrado e por algum tempo os homens do balandrau, das mascarilhas e outras chuchadeiras, ficam impedidos de gosar o seu tético «mise-en-scene».

A Maçonaria é um organismo burgues, se bem que use por vezes duma fraseologia enganadora. A sua estrutura política é bastante antiquada. Ela é herdeira do pensamento materialista anterior à Revolução Francesa, em oposição ao livre-pensamento proletariano. A sua ideologia não é revolucionária. Ao contrário, o livre-pensamento proletariano é anti-maçónico, porque a ele preside o espírito de classe.

Aqui como em todos os outros sectores da vida política burguesa, por mais coloridos que sejam os seus aspectos, a nossa divisa é: *classe contra classe*.

N

Entretanto os *leaders* socialistas vão pescando nas águas turvas. Querem estar bem com Deus e bem com o diabo, traindo sistematicamente a classe operária. Ramada Curto, o politiquês sem escrúpulos, o social-fascista, que escreve e representa *intermezos*, que seriam cómicos, se não fossem tão vis, declara ir às eleições. Isto é: o Partido socialista vai às eleições, mesmo com o regime de censura à imprensa, mesmo sem liberdade de reunião.

Os pusilâmines vivem sempre acorados. São incapazes dum gesto de nobre rebeldia; por isso aceitam todas as condições desde que não lhes perturbem a mastigação copiosamente regada a vinho do Cartaxo.

Ha muitos operários que sinceramente se deixam iludir por uma linguagem falsamente revolucionária.

Vimos convidar a controlar a acção política dos seus *leaders*.

No dia em que repararem no lógro, deixarão esses *burgueses* a prégar no deserto e virão engrossar as fileiras do Partido Comunista — o partido da sua classe, e aquele que os ha-de conduzir à sua emancipação.

Operários:

Deixem os políticos burgueses. Eles precisam de vocês para força de choque das suas revoluções. Triunfantes estas, eles subirão as escadas do poder, construídas com pilhas dos vossos cadáveres. Logo a seguir voltarão ao cumprimento das promessas que ora lhes fazem: sindicatos encerrados, deportações sem culpa formada, esmagamento dos movimentos grévistas, etc.

Camaradas:

Aproveitai a vossa bela energia revolucionária para o derubamento do capitalismo nacional. Dai o vosso sangue à vossa causa. Não o vertas ingloriamente em benefício dos vossos futuros carrascos.

Assim, todos juntos, num bloco perfeitamente homogéneo, faremos a nossa revolução: A REVOLUÇÃO COMUNISTA!

O «Avante!» não foi visado pela censura.



AVANTE!

A ditadura do proletariado e a expropriação dos expropriadores

O proletariado triunfante utiliza o poder que conquistou como *alavanca de revolução económica*, isto é, de transformação revolucionária das relações de propriedade do capitalismo em relações de produção. O ponto de partida desta grande revolução económica, é a expropriação dos grandes lavradores e capitalistas, ou o que é o mesmo: *a conversão da propriedade monopolista da burguesia em propriedade do Estado proletário*.

Neste terreno, a Internacional Comunista, preconiza, para a ditadura do proletariado, os seguintes abjetivos fundamentais:

Indústria, transportes e comunicações

a) Confiscação e nacionalização proletária de todas as grandes empresas industriais (fábricas, minas, estações eléctricas) que se encontrem nas mãos do capital privado; adjudicação aos soviets de todas as empresas municipais e do Estado.

b) Confiscação e nacionalização proletária dos transportes privados: ferroviários, marítimos, fluviais, assim como dos meios de transporte aéreo (frota comercial e de passageiros); adjudicação aos soviets da propriedade municipal e do Estado de todos os meios de transporte em todas as suas formas.

c) Confiscação e nacionalização proletária dos meios privados de comunicação (telegrafo, telefones, t. s. f.), adjudicação aos soviets dos meios de comunicação do Estado, municipais, etc.

d) Organização da administração operária da indústria. Creação de órgãos estatais de administração com a participação directa dos sindicatos, garantindo papel correspondente aos comités de fábrica.

e) Transformação do trabalho da indústria no sentido de dar satisfação às necessidades das grandes massas trabalhadoras. Reorganização dos ramos de indústria que correspondem às necessidades de consumo das classes dominantes (artigos de luxo), Reforço dos ramos de indústria que contribuem para o fomento da agricultura com o objectivo de consolidar a união com a economia agrícola; fomento da economia estatal e aceleração do desenvolvimento de toda a economia popular.

Economia agrícola

a) Confiscação e nacionalização proletária de toda a grande propriedade agrícola (tanto privada, como eclesiástica, etc.); adjudicação aos soviets da propriedade agrícola municipal e do Estado, das matas, sub-solo, águas, etc.; nacionalização imediata de todas as terras.

b) Confiscação de todos os bens dos grandes domínios agrícolas, tais como: edifícios, máquinas e demais inventário, gado, instalações para elaboração da produção agrícola (moagens, fábricas de laticínios, vacarias, leitarias, etc.).

c) Adjudicação das grandes propriedades especialmente das que tenham um peso económico considerável e um valor tipo de exploração. A direcção dos órgãos da ditadura proletária, e organização de explorações soviéticas.

d) Adjudicação aos camponeses pobres e a um sector dos médios, duma parte das terras confiscadas, especialmente das que eram cultivadas por arrendamento e serviam de meio de subsistência económica dos camponeses. A parte das terras cedidas aos camponeses é determinada tanto por motivos de conveniência económica, como pela necessidade de neutralizar a classe camponesa a traí-la para o lado do proletariado. Por isso, a parte de terra a transferir deve inevitavelmente, variar de acordo com as circunstâncias.

e) Proibição de toda a compra e venda da terra, com o objectivo de conservar a terra para os camponeses e lutar contra o trespasse da mesma aos capitalistas, agricultores, etc. Luta decidida contra os que infringem esta lei.

f) Luta contra a usura. Abolição dos contractos agioticos. Anulação das dívidas dos elementos camponeses explorados, etc.

Isenção dos impostos para os camponeses mais pobres, etc.

g) Medidas governamentais em vasta escala para a elaboração das forças de produção da economia agrícola: desenvolvimento da electrificação, da construção de tractores, da produção de adubos químicos, de sementes de primeira qualidade, de gado de raça nas fazendas soviéticas, vasta organização do crédito agrícola, etc.

h) Apoio moral e financeiro à cooperação agrícola e às explorações em comum (sociedades, comunas, etc.). Propaganda sistemática da união cooperativista dos camponeses (cooperação no terreno da organização da venda, do abastecimento e do crédito) sobre a base da actividade colectiva dos camponeses e propaganda a favor da passagem à grande produção agrícola, a qual facilita — graças às indubitáveis vantagens técnicas e económicas desta forma de produção — tanto um maior proveito económico imediato, como o meio de passagem ao socialismo mais acessível às grandes massas camponesas.

Comércio e crédito

a) Nacionalização proletária dos bancos privados (com transmissão ao Estado proletário de todas as reservas ouro, papeis de crédito, depósitos, etc.) e adjudicação ao Estado proletário dos bancos municipais, do Estado, etc.

b) Centralização bancária: supediteação de todos os grandes bancos nacionalizados ao Banco Central do Estado.

c) Nacionalização e adjudicação aos órgãos do Estado soviético do comércio por atacado e das grandes empresas de comércio a retalho (depósito de mercadorias, armazens, reservas de mercadorias, etc.).

d) Fomento, por todos os meios, da cooperação de consumo como parte constitutiva de primordial importância, do aparelho de distribuição, sobre a base da unidade no sistema do seu trabalho e a garantia da participação directa das massas na sua actividade.

e) Monopólio do comércio exterior;

f) Anulação das dívidas do Estado para com os capitalistas do interior e do exterior.

Proteção do trabalho, das condições de existência, etc.

a) Redução da jornada de trabalho a 7 horas e a 6 nos ramos de indústrias nocivas para a saúde dos trabalhadores. Redução ulterior da jornada e instauração da semana de trabalho de cinco dias nos países em que se encontrem desenvolvidas as forças de produção. Regularização da jornada ao crescimento da produtividade do trabalho.

b) Proibição, como regra geral, para as mulheres, do trabalho noturno e nos ramos nocivos de produção. Proibição do trabalho infantil. Proibição de horas extraordinárias de trabalho.

c) Redução especial da jornada de trabalho para a juventude (jornada máxima de 6 horas, para os jovens menores de 18 anos). Reorganização socialista do trabalho da juventude mediante a convalidação da produção material com a educação geral e política.

d) Seguro social em todos os seus aspectos (invalidez, acidentes de trabalho, paralização forçada, etc.) sobre a base da administração exercida exclusivamente pelos segurados, por conta do Estado (e por conta dos patrões, na medida em que existam ainda empresas privadas).

e) Amplas medidas sanitárias, organização do serviço médico gratuito. Luta contra as enfermidades sociais (alcoismo, enfermidades venéreas, tuberculose, etc.).

f) Igualdade social do homem e da mulher ante a lei e na vida corrente, transformação radical do direito familiar e matrimonial, reconhecimento da maternidade como função social, protecção da maternidade e da infância. Iniciação da tutela social das crianças e dos jovens e da sua educação (casas-berço, jardins,

cantinas para creanças, etc.). Criação de instituições destinadas a aliviar a economia doméstica (lavadouros, cozinhas, comunais, etc.). Luta sistemática contra a ideologia e as tradições que escravizam a mulher.

Habitação

- Confiscação da grande propriedade urbana;
- Adjudicação das casas confiscadas à administração dos sovietes locais;
- Instalação dos operários nos bairros burgueses;
- Adjudicação dos palácios e edifícios públicos às organizações operárias;
- Realização dum vasto programa de edificação de habitações.

Questão nacional e colonial

- Reconhecimento do direito de todas as nações, sem distinção de raça, a dispor plenamente dos seus destinos, isto é, inclusive do direito de se separar para se constituir em Estado independente;
- União e centralização voluntária das forças militares e económicas de todos os povos emancipados do capitalismo para a luta contra o imperialismo e contra a edificação da economia capitalista;
- Luta decisiva e por todos os meios contra toda a limitação e vexação dirigida contra qualquer povo, nação ou raça. Igualdade completa de direitos de todas as nações e raças;
- Apoio, por todos os meios que estejam ao alcance do Estado proletário, das culturas nacionais das nações emancipadas do capitalismo sem deixar, por isso, de assegurar o conteúdo proletário no desenvolvimento das ditas culturas;
- Fomento, por todos os meios, do progresso económico, político e cultural das «regiões» domínios e «colónias» anteriormente oprimidos, no sentido da sua transformação socialista, com o objectivo de criar uma base sólida a uma igualdade nacional efectiva e completa;
- Luta contra todos os resíduos chauvinistas, de ódio nacional, de prejuízos de raça e outros resultados ideológicos da barbarie feudal e capitalista.

Meios de Influência Ideológica

- Nacionalização das tipografias;
- Monopolização da imprensa e das editoriais;
- Nacionalização das grandes empresas cinematográficas, teatros, etc.;
- Utilização dos meios de «produção espiritual», nacionalizados para uma ampla educação geral e política dos trabalhadores e para a edificação de uma nova cultura socialista sobre base proletária.

Nota da administração

**Pedimos a todos os nossos agentes
o favor de regularisarem as suas confas.**

**Com o afrazo no pagamento dos seus
débitos, prejudicam bastante a vida do
«Avante!».**

As proximas eleições e os ultimos acontecimentos

Nota do Secretariado do C.C.E. do P.C.P.

O Comité Central Executivo do Partido Comunista Português na sua sessão extraordinária realizada em 24 de Maio p.p., ocupou-se largamente da sua posição perante as proximas eleições.

Verifica-se que sem um ambiente que lhe permita a livre exposição dos seus pontos de vista, traduzido em liberdade de reunião e liberdade de imprensa, as eleições não passariam dum descarado truque, destinado a eleger somente os apaniguados da situação fascista e que por outro lado, a aparição de candidatos comunistas, seria a armadilha em que estes iriam cair, acarretando por consequência o enfraquecimento da causa proletária. Também constatou-se o código eleitoral, foi elaborado num sentido nitidamente reaccionário, fortemente saturado de integralismos, procurando atrair a pequena burguesia e proprietários rurais.

Em face destes e doutros considerandos autorizou o Secretariado Político a agir de conformidade com as circunstâncias e em obediência às resoluções tomadas nessa sessão.

Analisou também os ultimos acontecimentos, a acção terrorista desenvolvida fora do controle do Partido Comunista e alheio à sua linha revolucionária. Deplorou que a coberça do manifesto editado pelo Comité Regional de Lisboa, convidando o proletariado a manifestar-se contra a manifestação fascista, se tenha criado esse ambiente terrorista, e que o odio dos actos praticados recaia sobre o Partido Comunista, quando, pelo contrario, este é orientado no sentido de levar as massas trabalhadoras a manifestar-se em lutas políticas, como treino para futuras batalhas que o não-deixar à tomada do poder e não por uma acção isolada de alguns individuos praticando violências desvalorizante.

Encarregou o Secretariado Político de proceder a um inquerito de forma a esclarecer as massas trabalhadoras sobre os acontecimentos desenvolvidos após o dia 17 de Maio, e reindicando para si a data gloriosa do 1.º de Maio, em que as brigadas de choque do Partido e as massas trabalhadoras em estreita colaboração, protestaram e se bateram heroicamente contra o fascismo e seus lacaios.

Em harmonia com estas deliberações, o Secretariado Político do Comité Central Executivo do Partido Comunista Português, em sua reunião ordinária de 25 de Maio de 1971, resolveu:

- 1.º Convidar todos os filiados e simpatizantes do Partido Comunista Português, bem como toda a classe operária a recensar-se, sem que todavia este facto represente compromisso de voto. Deven, pois, aguardar instruções dimanadas deste organismo nesse sentido.
- 2.º Editar um manifesto do que se fará uma larga difusão, explicando à classe operária o que foram os ultimos acontecimentos e como o Partido Comunista os enfrenta.

O SECRETARIADO POLITICO DO COMITÉ CENTRAL EXECUTIVO
DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS (S. P. L. C.)

Mulheres portuguesas

Dizem os nossos maridos que as mulheres nada têm que se preocupar com a politica. Contudo nós sabemos que embora produzindo a mesmo trabalho nunca recebemos o mesmo salário que um homem, porque somos um objecto de exploração por parte dos capitalistas, não temos experiência e entre nós não existe organização.

Até que, exijamos o mesmo pagamento pelo mesmo trabalho seremos a causa da baixa de salários de nossos filhos, maridos e irmãos.

Não tendo uma experiência politica nunca poderemos compreender o combate pelos salários dos nossos parentes, da nossa familia, não podemos compreender que uma grêve perdida significa uma arma mais nas mãos dos capitalistas e para nós, mais fome, mais miséria.

(Continua na página 8)



A jornada do 1.º de Maio em Portugal

Em Lisboa

Grandiosos combates travados entre a massa operária e as forças governamentais, que eram comandadas pelo capitão Passo Director da Polícia de Informações

O Partido Comunista Português chamara o proletariado a manifestar-se no dia 1.º de Maio. Os seus apêlos correram a cidade, entrando em todas as fábricas e em todos os locais de trabalho.

Prevê-se um 1.º de Maio de batalha.

O local indicado, onde o proletariado devia afluír em massa, fora o Rocio. Nesse dia, por volta das 14 horas, esta Praça começou a encher-se duma multidão entusiasmada e constituída na sua maioria por operários.

A medida que vinham aparecendo mais manifestantes o entusiasmo redobrava expresso em múltiplos vivas: Viva a Revolução. Proletária! Viva a União Soviética! Viva a Internacional Comunista! Chegou um momento em que o entusiasmo era quasi louco.

Foi então que os defensores da «ordem» fizeram a primeira arremetida... para dispersar. Choveram sabradas. A guarda republicana e a polícia, intimamente unidas e bem dispostas, como sempre, para o ataque, caíram como tigres estomacados sobre a multidão.

Esta, porém, não fraquejou. Valentes, heroicos, os operários de Lisboa mantiveram-se de pé. Tomado o Rocio pelas forças armadas da ditadura, os manifestantes tomaram as ruas da Baixa. No Largo de S. Domingos a bandeira vermelha é hasteada por um operário e um estudante. Símbolo da revolta eterna contra a burguesia, a bandeira vermelha, ornada com a foice e o martelo, atcou ainda mais os ânimos que explodiam com o hino a *Internacional*, cantado pela multidão de mistura com vivas à Revolução Comunista e morras à reacção da burguesia. Rápido aparece de novo a polícia. Entre esta e os manifestantes travou-se um combate reñido. A polícia, às ordens do capital reacçãoário, e os manifestantes lutando pela sua emancipação, chocaram-se com rancor de parte a parte.

Desde aí, a Baixa apresentou um aspecto bélico. Pelas ruas circulavam, disparando para a esquerda e para a direita, camions com pistolas, espingardas e metralhadoras. A polícia e a guarda republicana, às quais se juntaram os agentes das Informações, não descansaram de perseguir os operários em todos os locais

O 1º de Maio no Porto



Na rua de São da Bandeira a cavalaria dissolve uma manifestação

em que estes se encontravam. Nas ruas Martin Vaz, Madalena, Prata, e Arco do Bandeira também houve luta. Houve mesmo ocasiões em que as forças da ditadura recuaram ante os contra-ataques dos operários revolucionários.

Este estado de coisas durou até à noite.

Contam-se por três os mortos feitos no dia 1.º de Maio. Os seus autores pertencem às quadrilhas que servem a ditadura.

Os feridos são, também, em grande número. Não só manifestantes, mas também muitos guardas foram conduzidos ao hospital, a curar-se dos ferimentos recebidos na refrega.

Cabe a honra — grande honra! — ao capitão Passo, director da Polícia de Informações, de ter dirigido as operações militares contra o proletariado revolucionário. Não basta a esse bandido as cadeias da polícia, não lhe bastam os maus tratos de que são objecto todas as pessoas que caem nas suas mãos. E' preciso ainda descer à rua a mandar abater os operários como quem manda abater rézes no matadouro. A Sociedade está pejada de bandidos como este. No dia 1.º de Maio o capitão Passo não levou a melhor.

Salmão

No Porto

O proletariado do Porto senhor da rua

Dêsde que a ditadura fascista substituiu no poder a ditadura democrática, as comemorações do 1.º de Maio tem-se sucedido no mais completo silêncio. As organizações operárias revolucionárias, surpreendidas pelo recrudescimento da feroz repressão ditatorial, mal davam sinais de vida. Mas a experiência dos acontecimentos e a decidida acção ilegal do Partido Comunista, vieram imprimir às massas uma noção de luta até aqui desconhecida. Assim é que o 1.º de Maio dêste ano, mercê de todas estas circunstâncias e da antecipada preparação do nosso partido, revestiu no Porto o caracter de um grande movimento de massas.

O ambiente que se respirava na véspera já fazia prevêr o caracter revolucionário da jornada do 1.º de Maio.

O manifesto distribuído pelo Comité Local do Partido Comunista, chamando os operários à greve e convidando os soldados a fraternisarem com os seus irmãos trabalhadores, criou as condições necessárias para o completo êxito desta jornada.

Apezar do aspecto bélico da cidade, com todos os pontos estratégicos ocupados por fortes contingentes da polícia, guarda republicana, metralhadoras e carros blindados, as manifestações começaram a surgir pouco depois das 14 horas.

A paralisação do trabalho foi quasi completa nas fábricas; porém, nos electricos e nos taxis a paralisação foi total.

Durante 3 longas horas o proletariado português esteve senhor da rua, manifestando-se ruidosamente contra a ditadura militar, contra o fascismo, contra a Igreja, reclamando em altos gritos a libertação dos presos, o cumprimento do horário de trabalho, a liberdade de imprensa, etc. A princípio, a cavalaria carregava sobre a multidão; depois, como as manifestações se multiplicassem até nos locais mais afastados da cidade, a força pública já era impotente para manter a «ordem» e abandonou a ruas aos manifestantes.

Uma das notas mais interessantes desta jornada, foi a tentativa de assalto à sede da Polícia de Informações, que teria sido destruída se a cavalaria da guarda republicana, que se encontrava afastada do local, não fosse avisada a tempo. Dêste recuo resultaram 4 feridos sendo um, agente da polícia.

O total de feridos resultantes destas manifestações eleva-se a 12, dos quais 10 são populares, 1 polícia e 1 sargento.

Tal foi a jornada revolucionária do 1.º de Maio que acordou o proletariado do Porto da indiferença a que se tem sujeito e que, naturalmente, lhe servirá de preparação para as lutas na rua a travar proximamente. (C.)

(Continua na página 8)

O Partido Comunista perante a opinião pública

O terrorismo e a acção revolucionária

Os acontecimentos ultimamente desenrolados em Lisboa, determinaram a necessidade do presente manifesto dirigido à opinião pública, em que será o mais possível nitidamente demarcada a posição do Partido Comunista Português em relação ao terrorismo e o que constitui o sentido revolucionário da nossa tática e acção contra a classe capitalista. A imprensa burguesa e venal, no fiel desempenho do seu papel especulativo, confundem constantemente apresentando-nos como verdadeiras quadrilhas de malfiteiros sem escrúpulos nem consciência política, com o fim de desvirtuar a essência da nossa doutrina e processos revolucionários.

O Partido Comunista Português, como todos as secções da Internacional Comunista, é um partido genuinamente de classe. Não existe, portanto, nem pode existir a mais insignificante colaboração com qualquer outro partido político, e que daria logar a uma capitulação e degenerescência dos seus princípios puramente classistas e revolucionários.

Como representante da classe trabalhadora, a sua acção desenvolve-se sob a palavra-de-ordem de classe contra classe. Tudo quanto signifiquem táticas diversas das da luta de classes, encontra-se extraordinariamente afastado do Partido Comunista Português. Por isso combatemos o reformismo do socialismo indigénia como a democracia burguesa. Não admitimos no nosso Partido fórmulas maçónicas nem elementos que pertençam a esses organismos. No nosso Partido, apenas os trabalhadores com consciência de classe têm guarida.

Os acontecimentos terroristas ocorridos em Lisboa a partir do dia 17 de Maio, são completa e totalmente alheios ao Partido Comunista. Repudiamos em absoluto a tática terrorista pelo seu carácter anti-político e inhumano e ainda por que constituem base de justificação para a instituição dos regimes de excepção, para as medidas repressivas e até mesmo para os golpes de Estado de tendência fascista. A nossa consciência política de classe exprime-se tão sómente pela força dos trabalhadores organizados, sob a palavra-de-ordem específica de «luta de classes». Se o Partido Comunista Português se dedicasse a lançar bombas nas ruas com o único objectivo de aterrorisar ao burgueses, não só contrariaria todas as directivas demarcadas pelos Congressos da Internacional Comunista como ainda praticaria um verdadeiro acto de selvageria inexplicável.

Não somos terroristas mas sim revolucionários actuando sob o ardente desejo de ver emancipada a classe trabalhadora. Nunca poderemos ser terroristas porquanto o terrorismo é a arma de inconscientes e cobardes. De inconscientes por que demonstram ignorar a força que os procedimentos de terror proporcionam aos governantes fascistas, dando motivo aos assaltos a sindicatos operários pela polícia e à perseguição constante dos seus dirigentes, enfraquecendo extraordinariamente

o efeito dos protestos dos trabalhadores por essas perseguições serem produto de delitos terroristas e consequentemente alheios à luta de classes; de cobardes por conhecerem perfeitamente que a responsabilidade desses actos são, geralmente, apoiados no ambiente de um partido político como o nosso, puramente revolucionário, ou de alguma organização operária, iludindo e escondendo toda a responsabilidade directa na sombra dessas organizações.

O terrorismo é a arma dos conspiradores. O Partido Comunista Português não é constituído por nenhum bando de conspiradores. A conspiração é a sombra, é a conjuração de um agrupamento contra outro. Os golpes de estado têm um carácter acentuadamente conspiratório. No decurso da história da República encontram-se inúmeras conspirações que não têm tido outro objectivo que não seja o de derrubar um agrupamento político em benefício de um outro. Republicanos contra republicanos, ou melhor, grupos de políticos burgueses contra outros grupos de burgueses também políticos. O objectivo de todas essas conjuras nunca foi outro senão o de procurar a hegemonia do poder em benefício de um determinado sector da burguesia, em benefício de determinados Bancos ou empresas industriais. Por isso o terrorismo criou adeptos no nosso país. A burguesia republicana, nas suas conspirações, não luta pelo que é humano. É insensível, egoísta e traidora.

Não, nós não conspiramos! A nossa revolução não tem como objectivo derrubar qualquer grupo político do poder para a ele ascendermos nós. A nossa revolução o que pretende é o completo domínio dos trabalhadores sobre a burguesia, seja ela republicana, monárquica ou sem partido, suprimindo as castas e as classes. Para tanto não podemos usar da conspiração, por ser arma excessivamente insignificante para empresa de tal envergadura. Só a classe trabalhadora organizada, envolta no símbolo da nossa bandeira vermelha, poderá derrubar com um golpe de força a classe dominante. A organização e preparação do poderoso exército do trabalho não é feita na sombra pelo Partido Comunista Português. Proclamamo-lo publicamente e repetimo-lo a todos os trabalhadores. E toda a nossa força e todo o nosso peso é constituído pelo número que se coloca em frente do inimigo, face a face, com a nobreza e o valor do que luta conscientemente pela justiça e pelo direito à vida.

O fascismo, para nós, não constitui um perigo superior a qualquer outro que parta da burguesia. A luta contra o fascismo não tem, para nós, diferença da luta contra a burguesia, de um modo geral. Se o fascismo não é mais de que um filho do capitalismo, combatendo-se este combate-se aquele, implicitamente. Representa o fascismo a alta burguesia, a reacção? Não nos interessa. Se o Partido Comunista Português fizesse um alto no seu caminho de luta de classe para dirigir a



sua acção contra o fascismo, tão simplesmente, paralisar a luta contra a burguesia, auxiliando a burguesia liberal na sua ambição do poder. É este o exemplo colhido através todas as lutas políticas do nosso país. Mau grado a preciosa cooperação do proletariado em todas as empresas revolucionárias dos políticos liberais, assistiu-se às deportações dos trabalhadores, ordenadas pelos governantes por esses mesmos trabalhadores alcançados nas cadeiras da governação; os encarceramentos, à miséria mais cruenta e ao despotismo. A luta contra o fascismo, portanto, é a luta contra a burguesia em geral, seja reaccionária ou liberal.

Apoz o que fica exposto, resta-nos apelar para todos os trabalhadores no sentido de se colocarem em guarda contra os desvios da acção revolucionária, cuja principal expressão é o terrorismo, recusando-se sistematicamente a enveredar por esse falso caminho, quando alguém intente para ele conduzi-los, antes cerrando fileiras em volta do P. C. P. que pela avassaladora acção das massas escravizadas as levará até à emancipação.

Lisboa, Maio de 1931,

O PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS
(S. P. I. C.)

Mulheres portuguesas

(Continuação da página 5)

É também desconhecido para nós que recebemos a prisão por um aborto, que o mesmo Estado que nos força a ter muitos filhos não ajuda a alimentá-los.

Se nós e os nossos maridos exigimos mais salário o Estado responde-nos com a violência dos soldados armados e descargas de metralhadoras.

Ha já alguns dias que estão sendo mobilizados os homens até aos 26 anos, isto em profundo silêncio, sem afixar avisos, porque tem medo que a indignação rebente.

Querem enviar os nossos maridos e os nossos filhos para a guerra.

Não é esta uma política que nos importe?

Muitas dentre nós — como ainda há pouco tempo as nossas irmãs Russas — não sabem ler nem escrever, porque a classe reinante tem o interesse de nos deixar na ignorância. O único alimento espiritual que recebemos é a religião, para nos provar que a fome que nos tortura é enviada por Deus. . . .

Mulheres e raparigas de Portugal! Operárias oprimidas! Olheçamos para as nossas irmãs Russas!

Elas há muito tempo já que obtiveram o mesmo salário pelo mesmo trabalho.

Na Rússia não há desemprego, há 7 horas de trabalho e a semana de 4 dias.

Embora o aborto seja permitido e efectuado gratuitamente, a natalidade é altíssima, porque as operárias sabem que a sua vida e a de seus filhos estão asseguradas.

Elas recebem os seus salários e não trabalham 2 meses antes e depois do parto, tem hospitais gratuitos, creches e jardins para crianças.

As escolas e as universidades são-lhes franquadas e a seus filhos e recebem durante o tempo de estudo as férias de operárias.

Como poderemos ver ainda que a política nada é para as mulheres? Havemos ainda de nos deixar oprimir, ter salários baixos, ter fome, ir às igrejas rezar, sabendo que a religião é ópio do povo, como dizia o nosso grande Mestre Lênine.

Se não queremos sacrificar nossos maridos, pais e filhos pelo

capitalismo, deveremos ingressar no P. C. P. para assim combater contra a guerra imperialista, contra a fome, contra a redução de salários, pelo trabalho de 7 horas, pelo pagamento em acordo com o trabalho e pela revolução que nos libertará.

(Secção feminina do Partido Comunista Português)

A jornada do 1.º de Maio em Portugal

(Continuação da página 6)

No Algarve

A manifestação proletária e a acção policial

FARO — Pela primeira vez após tantos anos de miséria e de sofrimento contínuos e, por isso sempre agravados, os operários desta cidade vieram à rua dar uma prova da sua vitalidade revolucionária.

A manifestação iniciada por um razoável número de operários, engrossou rapidamente, tendo tomado logo de início uma feição retinamente revolucionária, nitidamente anti-fascista e de carácter puramente proletário.

Os trabalhadores manifestaram claramente o seu ódio à burguesia e a sua aversão pela ditadura dos Carmonas.

Entre os manifestantes via-se grande número de soldados e estudantes que calorosamente também se manifestavam contra a casta burguesa-capitalista que nos governa, dando viva à classe operária e à U. R. S. S.

A passagem da manifestação, uma mulher saiu-nos à frente, gritando: abaixo a ditadura! A polícia, porém, como feis laçoios da burguesia, armada até aos dentes, saltaram à frente da manifestação várias vezes, acabando por 3 operários e um jovem de 15 anos, cujo espírito se sentiu revolvido, ante os ataques da polícia, serem presos. O imbecil fardado, que aqui faz de comandante da polícia, ao ver os presos, disse: *Eu não queria prisões, queria pancada!*

Para a outra vez lhe farão a vontade. . . (C.)

VILA REAL DE SANTO ANTONIO — Na véspera do 1.º de Maio, a polícia fardada, a polícia de informações e uma quadrilha de burgueses, patrulharam incessantemente as ruas da vila, recando a manifestação que os trabalhadores projectavam fazer nesse dia.

As autoridades locais visitaram o Sindicato apreendendo os manifestos da Federação de Transportes. (C.)

LAGOS — Foi vergonhoso o estado de medo patenteado pela burguesia ante a manifestação que os trabalhadores projectavam para o dia 1.º de Maio.

Depois de chamados perante o Administrador do Concelho alguns operários que não gosam das boas graças desse cavalleiro foi mandado encerrar o Sindicato Operário desta cidade.

A tropa e a polícia tomaram posições estratégicas, mas, afinal, não foi preciso matar desta vez nenhum operário. (C.)

Se o poder político pertence a uma classe cujos interesses cor respondem aos da maioria, o Estado pode ser dirigido, de conformidade com os votos dessa maioria.

Se o poder político pertence a uma classe cujos interesses são contrários aos da maioria, todo o governo se torna para esta maioria burla ou opressão. Todas as repúblicas burguesas nos fornecem inumeráveis provas.

Lénine